

## EM DEFESA DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO<sup>1</sup>

Hildo Cezar Freire Montysuma<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo defende o materialismo histórico-dialético como método unitário fundado por Marx e Engels, criticando interpretações que o fragmentam em "materialismo dialético" (natureza) e "materialismo histórico" (sociedade). Autores como Bukhárin, Stálin, Althusser e Badiou são contestados por separarem dialética e história, negando sua interdependência orgânica. Gramsci e Kosik são destacados por reafirmarem a unidade do método, centrado no trabalho como mediação homem-natureza. A abordagem marxiana original integra análise social e natural, superando reducionismos positivistas e idealistas.

**Palavra-chave:** Materialismo histórico-dialético; Dialética; Unidade orgânica.

## EN DEFENSA DEL MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉCTICO

### Resumen

El artículo defiende el materialismo histórico-dialéctico como un método unitario fundado por Marx y Engels, criticando interpretaciones que lo fragmentan en "materialismo dialéctico" (naturaleza) y "materialismo histórico" (sociedad). Autores como Bujarin, Stalin, Althusser y Badiou son cuestionados por separar dialéctica e historia, negando su interdependencia orgánica. Se destacan Gramsci y Kossik por reafirmar la unidad del método, centrado en el trabajo como mediación entre el ser humano y la naturaleza. El enfoque original marxiano integra el análisis social y natural, superando reduccionismos positivistas e idealistas.

**Palabra clave:** Materialismo histórico-dialéctico; Dialéctica; Unidad orgánica.

## IN DEFENSE OF HISTORICAL-DIALECTICAL MATERIALISM

### Abstract

The article defends historical-dialectical materialism as a unitary method founded by Marx and Engels, criticizing interpretations that fragment it into "dialectical materialism" (nature) and "historical materialism" (society). Authors such as Bukharin, Stalin, Althusser and Badiou are challenged for separating dialectics and history, denying their organic interdependence. Gramsci and Kosik are highlighted for reaffirming the unity of the method, centered on work as a mediation between man and nature. The original Marxist approach integrates social and natural analysis, overcoming positivist and idealist reductionisms.

**Keyword:** Historical-dialectical materialism; Dialectics; Organic unity..

---

<sup>1</sup>Artigo recebido em 27/04/2025. Primeira Avaliação em 03/11/2025. Segunda Avaliação em 13/10/2025. Aprovado em 21/11/2025. Publicado em 10/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.67548>

<sup>2</sup>Diretor da Escola Pública Estadual São Francisco de Assis I – EFDA-I (Rio Branco-AC). Pedagogo pela Universidade Federal do Acre (UFAC\_ - Brasil. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutor pelo Programa de Políticas Públicas e Formação Humana – PPFH da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: [hildocezar65@gmail.com](mailto:hildocezar65@gmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1550330100547028>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9478-1607>.

## Introdução

No texto *Trabalho, conhecimento, consciência e a educação*, Frigotto (2012) sistematiza os debates da ANPED que culminaram na mudança do nome do GT de Educação e Trabalho para Trabalho e Educação. Em 2015, o autor reforça que tal inversão não se tratou apenas de mudança de termos, “[...] mas, sobretudo, por razões de ordem epistemológica” (Frigotto, 2015, p. 235).

O rigor teórico desses textos nos motivou a explicitar o debate ainda presente no marxismo sobre a nomenclatura do método fundado por Marx e Engels, e enriquecido por Lênin e outros revolucionários. Assim como no GT Trabalho e Educação, trata-se de uma discussão com implicações epistemológicas e políticas, pois a forma como se define a relação entre forma e conteúdo impacta diretamente a ação revolucionária do proletariado, em consonância com a 11ª tese de Marx sobre Feuerbach<sup>3</sup>.

A ausência de uma nomeação formal do método elaborado por Marx e Engels abriu espaço para múltiplas designações, marcadas por disputas ideológicas e apropriações diversas no interior da luta de classes. Por isso, encontramos referências variadas, como “[...] materialismo dialético ou materialismo histórico que, às vezes aparecem unificados na denominação materialismo histórico-dialético” (Saviani, 2015, p. 28).

Embora difícil de precisar seu início, nos parece que a controvérsia se manifestou desde os tempos de Lênin, com a publicação em 1921 de “A teoria do materialismo histórico: manual popular de Sociologia Marxista” (Bukhárin, 1933), difundindo a ideia de que o materialismo histórico derivaria do dialético. Mantendo essa interpretação, em 1933 é publicado *Materialismo histórico e materialismo dialético* (Stalin, 1982) e, ainda que com interpretação diferente, Louis Althusser (1979), e Alain Badiou (1979) adotaram a mesma designação. Desse modo, os referidos textos e autores serão nosso ponto de partida para compreender a polissemia em torno da denominação do método marxiano.

---

<sup>3</sup> “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (Marx; Engels, 2007, p. 535. Grifos do autor).

## Contexto e problematização da nomenclatura

Tanto em “A teoria do materialismo histórico: manual popular de Sociologia Marxista” de 1921, como em “Teoria e prática do ponto de vista do materialismo dialético” de 1931, Bukhárin (2021), define o materialismo dialético como método que fundamenta o materialismo histórico. Apesar de divergências com Stálin, ambos entendiam o *materialismo histórico como derivado do dialético*. Contudo, essa interpretação revela, em nossa análise, uma visão esquemática e simplificada da práxis, como pode ser atestado n’ *O Materialismo dialético e o materialismo histórico*, em que Stálin (1982) aborda o método da seguinte forma:

O materialismo dialético é assim chamado, porque a sua maneira de considerar os fenômenos da natureza, o seu método de investigação e de conhecimento é *dialético* e a sua interpretação, dos fenômenos da natureza, a sua teoria é *materialista*.

O materialismo histórico estende os princípios do materialismo dialético ao estudo da vida social; aplica estes princípios aos fenômenos da vida social, ao estudo da história e da sociedade (Stalin, 1982, p. 13. Grifos do autor).

A maneira com que Stálin (1982) apresenta o método fundado por Marx e Engels, fica evidente a cisão entre dialética e história em dois campos de estudos distintos, qual sejam: a natureza e a sociedade, com primazia da primeira sobre a segunda, redundando numa epistemologia positivista fundamentada na *extensão* dos princípios da investigação da natureza ao estudo da vida social.

Louis Althusser e Alain Badiou, chegaram a posições idênticas as de Stálin, mas com polaridades invertidas: para Stálin, o materialismo histórico deriva do dialético; para Althusser é o inverso, o materialismo dialético teria sido estabelecido pela ciência da história fundada por Marx (Althusser, 1979), é como se um fosse o reflexo invertido do outro, como ocorre quando se está diante de um espelho.

Podemos dizer, de modo bastante esquemático, que o *estabelecimento do materialismo histórico*, ou a ciência da história, trouxe necessariamente *consigo* o estabelecimento do materialismo dialético devido ao seguinte princípio:

Sabe-se que na história do pensamento humano a fundação de uma nova ciência importante sempre alterou e renovou a filosofia existente (Althusser, 1979, p. 49. Grifos do autor).

Para Althusser (1979), Marx fundou a *ciência da história*, que ele denomina de *materialismo histórico*, movimento que significou uma viragem epistemológica uma

vez que superou a especulação e o empirismo, tornando *possível* e *pensável* o *materialismo dialético*. Entretanto, entendemos que esse recurso lógico separa as partes do todo, para então, justificar a existência de cada uma delas.

Por sua vez, Alain Badiou (1979), em seu texto *O (re) começo do materialismo dialético*, tomando como pressuposto as ideias de Althusser, destaca três vertentes centrais do chamado marxismo vulgar, no contexto do método em Marx:

- O *marxismo fundamental* faz com que o materialismo dialético se inclua no materialismo histórico [...];
- Inversamente, o *marxismo totalitário* faz com que o materialismo histórico se inclua no materialismo dialético [...];
- O *marxismo analógico* que estabelece entre o materialismo histórico e o materialismo dialético uma relação de correspondência que justapõe os dois termos [...] (Badiou, 1979, p. 11-12. Grifos nossos).

Para Badiou (1979), a percepção da revolução teórica realizada por Marx ficou prejudicada no debate das três versões que popularizaram o marxismo, razão pela qual defende a necessidade de diferenciação do materialismo histórico (MH<sup>4</sup>) do materialismo dialético (MD), tarefa a que se dedicou Althusser (Badiou, 1979).

Althusser (1979) argumenta que Marx realizou uma dupla revolução teórica: o materialismo histórico, como ciência da história, e o materialismo dialético, como filosofia marxista. Embora unidos por razões históricas e teóricas são [...] distintas uma da outra na medida em que tem objetos distintos” (Althusser, 1979, p. 33). Ainda assim, a lógica permite tratá-los como indissociáveis na análise, mesmo sendo aplicados separadamente por conveniência teórica. Por se tratar de um exercício de lógica formal pode-se inverter a sentença de Althusser (1979) sem prejuízo de logicidade: *o materialismo histórico e materialismo dialético estão unidos e são indissolúveis na análise do objeto, mas por razões históricas e teóricas, são tratadas como disciplinas distintas uma da outra e aplicadas em objetos distintos*.

A análise de Althusser (1979) é lógica, mas fica presa a momentos estanques do pensamento de Marx, fixando-se ou na história ou na filosofia, sem compreender que no estudo da sociedade capitalista, seu objeto por excelência, consubstanciado n’*O capital*, ambas as dimensões se efetivam apenas em articulação orgânica. Na medida em que a quebra dessa articulação implica a perda da efetividade da análise, retrocede-se ao materialismo mecanicista ou ao racionalismo metafísico.

---

<sup>4</sup> Badiou trata materialismo histórico por suas iniciais MH e materialismo dialético por MD.

Althusser (1979) entende que para se chegar à filosofia marxista há que se investigar a lógica presente em *O Capital*, compreensão que implicou a redução da abrangência do método à análise do modo capitalista de produção. Em nosso entendimento, Marx e Engels desenvolveram, ao mesmo tempo, uma teoria do conhecimento e concepção geral de mundo, que interpreta o capital e suas leis imanentes, mas também permite projetar sua superação rumo a uma sociedade baseada na economia planificada e na centralidade do trabalho, além de explicar formações econômicas pré-capitalistas e os processos históricos das revoluções burguesas e da hegemonia do capitalismo.

O trabalho de Domenico Losurdo (2006) representa um exemplo contemporâneo significativo da aplicação do método marxiano para além da análise da sociedade capitalista estrita. Ao que nos parece, inspirado por uma nota de rodapé de Marx no capítulo 24 d' *O Capital*, que propõe investigar o tratamento dado pelos liberais aos escravos nas colônias europeias, Losurdo analisa criticamente o escravismo nas Américas, as formações econômicas pré-capitalistas e o papel do mercantilismo na acumulação primitiva que financiou as revoluções burguesas na Europa. Em *Contra-história do liberalismo*, Losurdo amplia e aprofunda a obra marxiana, demonstrando que o método histórico-dialético de Marx não se restringe à crítica do capital, mas é uma chave para compreender formações sociais anteriores e posteriores ao capitalismo, reafirmando sua potência teórica e política.

Althusser, ao defender a distinção entre *materialismo histórico* e *materialismo dialético* como disciplinas teóricas com objetos diferentes, acaba por contradizer sua própria tese. Inicialmente, afirma que o materialismo histórico trata dos modos de produção e da história da produção de conhecimentos, enquanto o materialismo dialético teria outro campo. No entanto, logo reconhece que o materialismo dialético também abrange problemas próprios do materialismo histórico, negando assim sua separação rígida. Ainda assim, sua análise mantém, arbitrariamente, a separação entre elementos que em Marx e Engels aparecem articulados e dinâmicos.

Pelo exposto, não encontramos correspondência entre os entendimentos expressos por Bukhárin (1921 e 1933), Stálin (1982), Althusser (1979) e Badiou (1979) e o que propõe Marx e Engels no que se referem ao método. Pois, apesar de procurarem se superar mutuamente na interpretação desse tema, não escaparam ao

unilateralismo que separa em dois campos, o *materialismo histórico* e o *materialismo dialético*.

### **O monismo materialista e unidade histórico-dialética**

Entendemos que Marx e Engels demonstraram em sua concepção de história que *sociedade e natureza* são inseparáveis, estão organicamente articuladas, cujo elemento de mediação entre ambas as dimensões reais é o trabalho como processo social e necessário. Mesmo quando a ênfase da análise recai sobre um aspecto particular da realidade, sempre são apresentadas as contradições e mediações que o articulam ao geral, ou seja, aos diversos modos de produção, com ênfase no capitalista. Por exemplo:

Conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. *Os dois lados não podem, no entanto, ser separados*; enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens se condicionarão reciprocamente (Marx; Engels, 2007, p. 86 – 87. Grifos nossos).

Essa passagem, ainda que tenha valor relativo porque aparece como suprimida (S. M.), indicando uma possível intenção de Marx e Engels que ela não constasse na publicação, que nunca chegou a acontecer em vida, conforme indicado no Prefácio de 1859 é, contudo, relevante. Ela elucida a história como parte constitutiva do método marxista, que integra um "ponto de vista unificador e totalizador" (Fernandes, 1989). Esse pressuposto metodológico permitiu a Marx desenvolver as conclusões expostas no referido Prefácio, vinculando teoria histórica e análise econômica.

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se elevam uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem a formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, é o seu ser social que determina sua consciência (Marx, 2008, p. 47).

Por outro lado, essas conclusões estão embasadas no entendimento do trabalho como primeiro ato histórico necessário à produção e à reprodução da vida humana nos termos apresentados em *A ideologia alemã* (Marx e Engels, 2007).

A produção da vida, tanto a própria, no trabalho, quanto a alheia, na procriação aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social –, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições os modos e a finalidade (Marx; Engels, 2007, p. 34).

Marx e Engels concebem a relação humana com a natureza e as relações sociais como indissociáveis, fundamentadas na reprodução biológica e na interdependência social exposta nos *Manuscritos de 1844*: “[...] a relação do homem com a natureza é imediatamente a sua relação com o homem, assim como a relação com o homem é imediatamente a relação com a natureza, a sua própria determinação *natural*” (Marx, 2010, p. 104, grifos do autor). Essa concepção, já madura no jovem Marx, perpassa *O Capital*, onde o trabalho, *como criador de valor de uso e socialmente necessário*, surge como mediador central do metabolismo homem-natureza, condição eterna da existência humana, independentemente das formas sociais (Marx, 2010; 2017). Assim, a formação humana é síntese resultante da dialética natureza-sociedade pela mediação do trabalho, sociedade e trabalho como eixos estruturantes da formação.

Karel Kosik (2002) defende a tese do monismo materialista com base em Marx e Engels, demarcando campo com as distorções positivistas que reduzem a estrutura econômica à metafísica do fator econômico, ao tempo em que reafirma a integridade do método materialista histórico-dialético. Vejamos como Kosik aborda a questão:

O monismo materialista, que concebe a *realidade como um complexo constituído e formado pela estrutura econômica* e, portanto, por um conjunto de relações sociais que os homens estabelecem na *produção* e no relacionamento com os *meios de produção*, pode constituir a base de uma coerente teoria das classes e ser o critério objetivo para a distinção entre mutações estruturais – que mudaram o caráter da ordem social – e mutações derivadas, secundárias, modificam a ordem social, sem porém mudar essencialmente seu caráter (Kosik, 2002, p. 117. Grifos do autor).

Desse modo, Kosik (2002) enfatiza que a mudança nas mentalidades e valores culturais decorre de transformações nas relações sociais, não de avaliações subjetivas. Pelo monismo materialista, a produção/reprodução da vida é mediada pelo

trabalho que unifica relações sociais e natureza. Desse processo social contraditório e unitário emergem ideias, crenças e valores históricos, reforçando a tese de que história natural e humana, embora distintas, são inseparáveis. Uma possível separação justifica-se apenas para fins analíticos. Contudo, para ser didático na exposição, há que se enfatizar a unidade, contradição e mediações das partes ao todo.

Ainda com base no monismo materialista, Kosik define revolução como ruptura estrutural da sociedade, alterando radicalmente sua forma e conteúdo, em contraste com a visão positivista, que reduz as revoluções a mudanças superficiais e aparentes, sem transformações essenciais.

A compreensão da realidade como unidade concreta contraditória, está sustentada no fundamento dialético que constitui o núcleo epistemológico do método fundado por Marx e Engels desenvolvido por Lênin e outros revolucionários; estrutura-se sobre as leis gerais sistematizadas por Hegel e descritas por Engels da seguinte maneira:

A lei da conservação da quantidade em qualidade e vice-versa;  
A lei da interpenetração dos contrários;  
Lei da negação da negação.

Todas as três foram desenvolvidas por Hegel ao seu modo idealista como simples leis do *pensamento*: a primeira na primeira parte da *lógica*, na teoria do ser; a segunda ocupa toda a segunda parte de sua *Lógica*, que é de longe a mais importante, a teoria da essência; a terceira, por fim, figura como lei fundamental para a construção de todo o sistema. O erro reside em que essas leis, na condição de leis do pensamento, são impostas à natureza e à história e não deduzidas destas (Engels, 2020, p.111. Grifos do autor).

Entretanto, a dialética hegeliana, baseada no idealismo, subordina a história à consciência. A revolução copernicana de Marx foi ter provado o contrário, que é a realidade material que condiciona a consciência. Decorre desse pressuposto o fato que nos indica Ciavatta (2016).

É Marx quem vai explicitar os elementos políticos e ideológicos da história ao concebê-la como o processo da vida real dos homens e como a ciência desse processo, como o conhecimento de uma matéria e como matéria desse conhecimento, ou, ainda, a história como processo vivido, a história como objeto e como método de conhecimento (Ciavatta, 2016, p. 212).

Ciavatta (2016) mostra que, no materialismo histórico-dialético, a história é simultaneamente instrumento de investigação e parte do método, pois natureza e

sociedade, como realidades materiais, possuem história e são regidas por leis objetivas dialeticamente interdependentes.

Apesar de o período de Stálin à frente da ex-URSS ter popularizado os êxitos do socialismo científico: desenvolvimento material para o povo soviético e vitória sobre o nazismo, fruto do esforço nacional liderado pelo Partido Comunista; de ter estimulado a constituição de frentes amplas antifascistas que inspiraram movimentos anticoloniais na África, Ásia, Oceania e América Latina, resultando na libertação de várias nações do imperialismo. Também contabilizou erros teóricos e práticos, que obstaculizaram o desenvolvimento do socialismo. Sobre isso há extensa literatura, da qual, destacamos apenas o legado da interpretação do método marxiano cindido em dois núcleos — dialético (aplicado à natureza) e histórico (vida social) —, simplificando sua unidade ontológica (Stálin, 1982).

Por isso e diante do exposto até aqui, entendemos, pois, que as compreensões de Bukhárin (1921 e 1933), Stálin (1982), Althusser (1979) e Badiou (1979), a despeito dos referidos textos terem se proposto a traduzir o método para uma linguagem didática, simples e acessível ao povo, acabaram se constituindo num *esquema* distinto dos fundamentos marxianos, e na prática, prestaram-se a outros fins.

## **Gramsci e a reafirmação do método**

A não correspondência entre o método formulado por Marx e Engels e as teses apresentadas nos tópicos anteriores, foi apresentada por Gramsci (2011) nos *Cadernos do Cárcere* (Caderno 11, tópico II) ao criticar Bukhárin. Nele, o revolucionário sardo principia destacando falhas na exposição *d'A teoria do materialismo histórico: manual popular de Sociologia Marxista* (Bukhárin, 1933), da seguinte maneira:

Um trabalho como *Ensaio popular*, destinado essencialmente a uma comunidade de leitores que não são intelectuais de profissão, deveria partir da análise crítica da filosofia do senso comum, que é a “filosofia dos não-filósofos”, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio. O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como o folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada,

incoerente, inconsequente, conforme a posição social e cultural das multidões das quais ela é filosofia (Gramsci, 2011, p. 114.).

Essa análise crítica de Gramsci (2011), nos auxilia entender que falar a linguagem popular não significa repetir o que o povo diz, mas transformá-las criticamente por meio da problematização do senso comum. Bukhárin (1921/1933) e Stálin (1982), ao simplificarem o materialismo histórico-dialético para "popularizá-lo", rebaixaram sua complexidade filosófica, fazendo concessões ao senso comum que se desdobraram em distorções na compreensão e aplicação do método.

Ainda no caderno 11, § 22, item IV, Gramsci (2011), faz a seguinte crítica ao texto apresentado por Bukhárin ao Congresso de História da Ciência realizado em Londres em 1931:

[...] a considerar que a filosofia da práxis seja cindida em duas: a doutrina da história e da política e a filosofia, que ele diz, porém, ser o materialismo dialético, não mais o velho materialismo filosófico. Colocada assim a questão, não mais se compreende a importância e o significado da dialética, que, de doutrina do conhecimento e substância medular da historiografia e da ciência política, é degradada a uma subespécie da lógica formal, a uma escolástica elementar. A função e o significado da dialética só podem ser concebidos em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da práxis for concebida como uma *filosofia integral e original*, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, *integra em si os seus elementos vitais*) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais, expressões das velhas sociedades (Gramsci, 2011, p. 143. Parênteses do autor, grifos nossos).

As críticas de Gramsci (2011) à Bukhárin (1933), especialmente sobre a separação entre materialismo histórico e dialético, provocaram reações de Althusser (1979), prontamente rebatidas por teóricos do PCI, aos quais também nos alinhamos, por entendermos que em sua análise, Gramsci não apenas devolveu o materialismo histórico-dialético<sup>5</sup> ao seu devido leito como também corrigiu distorções do pensamento de Marx, reafirmando o caráter unitário do método marxiano, consolidando-o como a síntese mais avançada da filosofia materialista.

Para Hobsbawm (2011), Gramsci ainda amplia o marxismo-leninismo ao desenvolver uma teoria marxista da política. Isso não implica que Marx e Lenin não tenham formulado uma teoria política, mas sim que as condições históricas e práticas

---

<sup>5</sup> Denominado por Gramsci de *filosofia da práxis*.

de suas atuações impediram maior desenvolvimento teórico nesse aspecto. Coube a Gramsci, em sua prisão sob o regime fascista, formular uma teoria política original baseada em três pilares: (1) os fundamentos teóricos legados por Marx e Lenin; (2) a história italiana e sua produção teórica, com destaque para Maquiavel, Mosca, Croce e Sorel; e (3) a pergunta central que o perseguia: por que a revolução proletária triunfou na Rússia, mas fracassou na Itália? E mais: por que a fórmula russa não funcionou ali, permitindo o avanço do fascismo? Essas inquietações orientaram sua elaboração teórica durante o cárcere.

Gramsci, mantendo a ortodoxia marxista-leninista, inovou ao desenvolver a autonomia da ação política, mesmo vinculada à base econômica (Hobsbawm, 2011). Sua obra pioneira no marxismo abordou a política como ciência, com regras práticas que estimulam análises rigorosas da realidade (Gramsci, 2007). Além disso, aprofundou o materialismo histórico-dialético em múltiplas áreas — filosofia, literatura, educação, jornalismo —, analisando cada campo com profundidade. Sua contribuição transcende a política, integrando reflexões sobre hegemonia, cultura e práxis, sem perder o rigor metodológico, consolidando uma abordagem interdisciplinar que enriqueceu o pensamento crítico e a compreensão das dinâmicas sociais em suas múltiplas dimensões.

## **Conclusão**

Concluimos que a designação "materialismo histórico-dialético" é a mais adequada para expressar o método de Marx e Engels, garantindo coerência com seus fundamentos e o debate revolucionário acumulado. Rejeitam-se as concepções criticadas por Gramsci (2011), que fragmentam a realidade em "sistemas fechados" (Ciavatta, 2016), positivizando o marxismo e prejudicando sua capacidade de explicar totalidades sociais dinâmicas, onde os sujeitos históricos atuam em relações contraditórias. Este método rompe com a linearidade positivista (tanto de direita quanto apropriações equivocadas pela esquerda), superando a lógica racionalista-dedutiva e empirista-indutiva. Integra razão e experiência como dimensões de uma mesma totalidade, enfatizando a dinâmica das contradições sociais e as mediações que revelam significados do real, evitando reducionismos e preservando a complexidade dialética da práxis histórica.

## Referências

ALTHUSSER, L. Materialismo histórico e materialismo dialético. In: ALTHUSSER, Louis e BADIOU, Alain. (org.) **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo, 1979.

BADIOU, A. O (re) começo do materialismo dialético. In: ALTHUSSER, Louis e BADIOU, Alain. (org.) **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo, 1979.

BUKHÁRIN, N. **A teoria do materialismo histórico**: manual popular de Sociologia Marxista. São Paulo, Edições Caramuru, 1933. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/bukharin/1921/teoria/index.htm>. Acesso em 07 de dezembro de 2024.

BUKHÁRIN, N. Teoria e prática do ponto de vista do materialismo dialético. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], v. 58, n. 1, p. 7–20, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/12085>. Acesso em 6 de dezembro de 2024.

CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria. (Org.) **Teoria e educação no labirinto do capital**. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2016.

ENGELS, F. **Dialética da Natureza**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2020.

FERNANDES, F. (Org.) **Marx e Engels**: História. São Paulo. Editora Ática. 1989.

FRIGOTTO, G. Trabalho, Conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, Carlos Minayo [et al.]. **Trabalho e conhecimento**: dilemas na educação do trabalhador. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume III, Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume I Introdução ao estudo de filosofia; A filosofia de Benedetto Croce; Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HOBBSBAWM, E. J. **Como mudar o mundo**: Marx e o marxismo; tradução Donaldson M. Garschagen – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FRIGOTTO, G. Contexto e sentido ontológico, epistemológico e político da inversão da relação educação e trabalho para trabalho e educação. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 10, n. 20, p. 228-248, jul.-dez. de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2729/2296>. Acesso em 04 de dezembro de 2024.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOSURDO, D. **Contra-história do liberalismo**. Tradução Giovanni Semeraro - Aparecida – SP: Ideias & Letras. 2006.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. – 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/issue/view/1004>. Acesso em 28 de julho de 2025.

STÁLIN, J. **O materialismo dialético e o materialismo histórico**. 3 ed. São Paulo, Global Editora, 1982.